

Minhas Pequenas Jóias

*Carlos Antônio A. de Gouveia**

Quando nosso Editor, Roberto Agnes, me intimou a escrever uma matéria para nossa ORQUIDÁRIO, minha primeira reação foi de susto. Afinal, não seria petulância minha meter-me a publicar um artigo sobre assunto no qual não passo de um curioso, um neófito?

Fui convencido da oportunidade de “cometer” o presente ao analisar o papel de nossa revista. Afinal de contas, a Orquidário é, basicamente, uma associação de apaixonados por orquídeas, não apenas de estudiosos de botânica, e nossas publicações mais pretendem ser veículo de troca de opiniões e experiências do que ser consideradas tratados sobre orquidologia. Assim sendo, espero que minha ousadia estimule outros companheiros associados a seguirem o exemplo, enviando sua contribuição, certamente valiosa.

Bem, o assunto proposto também exerceu um certo fascínio, devo confessar... Pequenas orquídeas são algo que me cativa e gostaria muito de iniciar mais pessoas no “vício”. Prefiro fugir do termo micro-orquídeas, uma vez que o mesmo estabelece confusão sobre o tamanho máximo de uma micro. Além disso, existem plantas minúsculas com flores grandes e flores mínimas em plantas de porte. Assim, vamos falar em flores pequenas.

Cada vez mais cresce no mundo o interesse por plantas exóticas, que fujam aos padrões comuns de beleza. Junte-se a isso, o espaço, normalmente reduzido, que ocupa e facilmente se compreende por que países do primeiro mundo tanto vêm se dedicando a essas espécies, ditas botânicas.

Outro atrativo é o cultivo. Certa vez, Maurício Verboonen me disse que achava uma pena que as pessoas sempre começassem pelas orquídeas tradicionais, uma vez que os cuidados com elas são completamente diferentes dos necessários com as micro, o que as afastaria dessas pequeninas plantas. Bem, concordo com quase tudo, mas acho que se as pessoas começassem pelos *Zygostates* e *Phymatidium*, muito poucos chegariam às *Cattleyas* e *Phalaenopsis*... as plantinhas são difíceis de se manter, como o próprio Maurício diz em sua lista de preços para exportação “... to grow them is a challenge.” No entanto, esse desafio, mais do que afastar, provoca e instiga os colecionadores.

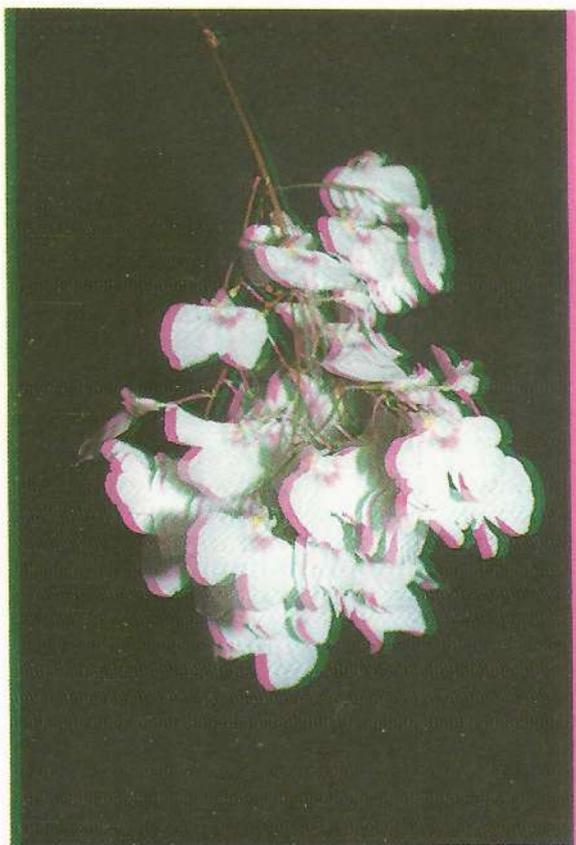
Na verdade, não existem regras fixas para cuidar de pequenas orquídeas, já que isso depende de seu habitat de origem, no entanto, alguns comentários de ordem geral podem ser feitos.

- Mais do que em orquídeas maiores, nossas miniamigas dependem de seu sistema radicular. Evite quebrar suas raízes, caso colete alguma, procure retirar o máximo possível de raízes junto.
- A maioria delas vegeta em finos galhos. Procure reproduzir isso, use toquinhos de xaxim ou corticeira. As raízes se desenvolvem melhor e é mais fácil manter a umidade adequada.
- Cuidado com a umidade! Normalmente excesso de água significará apodrecimento, mas lembre-se que elas têm muito menos reservas do que uma *Laelia purpurata*, deixá-las secar quase certamente irá provocar danos fatais. O ideal seria mantê-las em ambiente úmido, sem molhá-las demais. Sendo impossível borri-fe-as, diariamente, se necessário.

* Rua Afonso Ribeiro, 112, Rio de Janeiro, RJ, CEP 21.021.

- Não exponha suas plantas a excesso de luz. Mesmo as que gostam mais de luz, usualmente se ressentem de sol direto. Uma planta recém-adquirida deve migrar lentamente, da sombra para locais mais claros em seu orquidário.
- Por que dividir miniorquídeas? Quanto maior a touceira, maior o efeito. Além do mais, caso fosse dividir, retornariam os problemas com as raízes.
- Adube-as! Recomendo uma dosagem menor — talvez a metade da diluição normal. Também é de bom alvitre molhar as orquídeas antes de adubar, evitando que os sais desidratem as mesmas.

Bem, dito isso, vamos conversar um pouco sobre algumas espécies, quase todas fáceis de se achar. Por favor, levem em consideração o fato de minha experiência ser com plantas criadas ao nível do mar, no Rio de Janeiro.



Ionopsis utricularioides. Dono: Roberto Agnes

Campilocentrum — Planta muito comum nas serras cariocas, raramente vista em coleções, tem hábito que lembra um *Epidendrum*. Sua inflorescência é axilar, com pequeninas flores cor creme, extremamente cheirosas,

em cachos. Na natureza se poliniza com facilidade, formando os frutos, minúsculos cachinhos de banana. Sombra profunda, e lugar bem ventilado.

Capanemia australis — Planta de porte bem pequeno, parecendo sua folhagem com espinhos de ouriço. Flores brancas bem pequenas. Cultive em toquinhos de xaxim, muita umidade e luz moderada.

Capanemia uliginosa — Parece uma pequena *Brassavola*. Sua haste floral é longa e pode conter mais de 20 flores, de aroma contagiante. Vai muito bem em tocos, não muito finos, luz moderada e pouca água nas raízes mas sem secar a planta. Se entouceirada é irresistível.

Comparettia coccinea — Certa vez li numa publicação estrangeira que o azar das *Comparettias* é não ter um parente próximo para hibridizar, como, por exemplo, os *Ascocentrum*. Da aliança do *Oncidium*, algumas espécies são usadas em híbridos. Essa espécie única, brasileira, tem flores laranja, pequenas. Não é das mais fáceis de manter, ao menos no Rio. Sugiro muita água e muita sombra.

Dichaea pendula — Sua folhagem lembra muito uma samambaia e seu hábito de crescimento descendente a tornam especial. Floração axilar de belo colorido, pode passar até um mês florindo uma flor após outra. Sombra e umidade não apresentam problemas com o calor.

Ionopsis utricularioides — Tida como de cultura delicada, deve-se evitar ressecar as raízes. Gosta de luz e muita ventilação, vai bem em corticeira e assemelhados. As flores são rosadas, em cacho sempre muito vistoso. Arrebatadora!

Leptotes bicolor — Da aliança das *Cattleyas*, existem alguns híbridos feitos com essa espécie. Flor relativamente grande para o escopo do artigo, está aqui porque o gênero costuma ser referido como micro. Gosta de luz, como os outros *Leptotes*, e vai bem quer em placas, quer em pequenos vasos. Vi certa vez uma foto de uma placa com 200 flores (dizia o texto, eu não contei), com um efeito inacreditável.

Leptotes tenuis — Na minha opinião o mais belo dos *Leptotes*, com flo-

res pequenas, mas muito bem formadas, destacando-se o labelo. A cor é rosa com labelo estriado. Muito semelhante, com colorido menos intenso, é o *Leptotes paulensis*. Cultivo semelhante ao bicolor, sendo melhor usar placas menores.

Leptotes unicolor — Parece uma versão miniaturizada do *Leptotes bicolor*. Cuidados semelhantes ao *Leptotes tenuis*.

Lockhartia lunifera — Planta excepcional, uma das minhas prediletas. Folhas que lembram um trança, com flores nas extremidades. Suas flores são parecidas com *Oncidium*, amarelinhas. Floresce, sem parar, por três ou quatro meses, inclusive nos bulbos já anteriormente floridos. Luz moderada e umidade.

Notylia — Gênero muito singelo, com diminutas flores amarelas, que se apresentam em longas hastes arqueadas, podendo ter mais de 50 flores, que abrem seqüencialmente. É difícil de distinguir as diversas espécies, pelo reduzido tamanho. Gosta mais de climas frescos, tolera calor, mas não sol direto.

Ornithocephalus grandiflora — Mais interessante que seu irmão *Ornithocephalus myrticola*, tem flores verdes e brancas muito graciosas. Sombra e umidade, com boa ventilação, são o segredo do sucesso.

Phymatidium — Aqui temos um gênero complicado de manter em climas quentes. Um dia de calor sem umidade e pronto. Já era! Cuidado com luz em excesso também. A espécie mais conhecida, *Phymatidium tilandisioides*, produz uma nuvem de flores brancas. Outras espécies, normalmente, apresentam folhas pequenas, como se fossem cabelos verdes, com hastes bem mais longas.

Quekettia microscopica — Espécie amazônica, com hábito vegetativo assemelhado às *Capanemias*, com flores pequenas que não abrem completamente, de cor amarela. Gosta de calor, umidade e sombra profunda.

Scaphyglottis violacea — A inflorescência desta espécie, apesar de bem pequena, sobressai pelo colorido intensamente lilás. Também costuma repetir floração em bulbos antigos. Calor,

umidade e sombra. Gosta mais de pequenos vasos.



Sigmatostalix radicans.

Dono: Florália

Sigmatostalix amazonica — Uma autêntica jóia! Sua longa haste com flores bem espaçadas é magnífica. As flores lembram um *Oncidium*, sendo que a coluna é bem fina e muito comprida, com as políneas na extremidade, lembrando uma vara de pescar. Espécie amazônica, adora umidade e luz moderada.

Sigmatostalix radicans — Também interessante, suas flores brancas e amarelas são menos curiosas que a espécie anterior, mas igualmente simpáticas. Luz discreta, ventilação e água, são ingredientes fundamentais. Prenda-a em palitos de xaxim para que possa desenvolver seu complexo sistema radicular.

Solenidium lunatum — Espécie de flores não tão diminutas, com coloração rajada de marrom, gosta de umidade, mas não de raízes molhadas. Luz média e arejamento intenso. Sua maior qualidade é a durabilidade da flor — eu já tive uma que ficou quase 40 dias inteira.

Stelis — Um dos gêneros mais na moda no exterior, tive notícia de um colecionador com mais de 230 espécies diferentes! Pelo reduzidíssimo tamanho quer da planta, quer das flores, suponho que o referido orquidófilo deva usar microscópio para identificar suas plantas. Em um vaso de 1 polegada, minha *Stelis* produziu 28 hastes florais. Sombra e umidade. Pode florir 2 ou mais vezes ao ano.

Zygostates lunata — Planta chatinha de ter, à menor distração, morre. No entanto, sua haste pendente, com pelo menos uma dúzia de flores douradas, que abrem todas ao mesmo tem-

po, pode tirar a respiração de alguém mais sensível. Sombra profunda e fatura de umidade, para plantas montadas em finos palitos de xaxim, são recomendações imprescindíveis.

Zygostates pustulata — Os comentários anteriores valem para esta espécie. Suas flores são menos vistosas, mas, em compensação, costumam ser muito mais abundantes.

Claro, ficam faltando inúmeros outros gêneros, tais como *Pleurothallis*, *Dryadella*, *Barbosella*, *Constantia*, alguns *Oncidiums* ou *Epidendrums* também poderiam estar aqui presentes, mas a falta de espaço, somado com a minha pouca vivência com muitas dessas espécies, recomendam ficar por

aqui. Quem sabe em outra oportunidade...

Bem, espero ter acendido a chama das micro, mini, ou seja lá como preferirem chamar, em alguns dos companheiros orquidófilos. Nosso presidente, Álvaro Pessoa, costuma chamar minhas crianças de "Fiapocidiums", mas reparem bem numa exposição como as pessoas ficam impactadas ao descobrir que aquelas gracinhas são orquídeas, como ficam extasiadas admirando-as, por vezes muito mais que ao deparar-se com aqueles tradicionais híbridos de *Cattleya*, os enormes "repolhões". Se as *Cattleyas* são o feijão com arroz da orquidofilia, as microorquídeas são o escargot.

